



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

Proprietario, director e editor

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração

Praça dos Restauradores, 62 a 68

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial

Praça dos Restauradores, 24

SUMMARIO: Antonio Lamas — Conservatorios — Curiosidades musicas — Concertos
— Noticiario — Necrologia

Antonio Lamas

E' com o coração confrangido por vivíssima dôr que vimos hoje depôr sobre o ataúde recém-fechado de Antonio Lamas uma homenagem de sentida saudade e respeito. Saudade pelo amigo dedicado e querido, pelo infatigável companheiro de tantas luctas e trabalhos: respeito e admiração pelo musico, tão despretençioso e honesto, que a nossa arte inesperadamente acaba de perder.

A morte repentina de Antonio Lamas produziu um commovido alvoroço no nosso meio musical; todos o estimavam, todos lhe haviam aquilatado os grandes dotes de coração, a inquebrantável bondade de alma, a rara modestia — e a par de tudo isso — incontestáveis qualidades de artista consciencioso, trabalhador e devotado, como nenhum, á sua arte predilecta.

Nós outros, que tanto privamos com o illustre amador, não podemos ter hoje o espirito sufficientemente desanuveado para tentarmos, sequer, um esboço do que foi a

sua vida de musico. Mal teremos a precisa calma para alinhar umas notas despretençiosas, que poderão quando muito servir de ponto de partida para trabalho de maior folego e auctoridade.

Desde muito novo se dedicou Antonio Lamas ao estudo do violino. Discipulo dilecto de Antonio Narciso Pitta (1835-1893),

herdou-lhe, com muitas das suas qualidades technicas, esse retrahimento, essa modestia, esse horror pela *grosse caisse*, que constituíam o fundo essencial do caracter d'esse primoroso mestre. E se compararmos a *physiognomia moral* do violino e da violeta, a esphera de acção de um e outro instrumento, a psychologia especial de cada um d'elles e até as respectivas colorações do timbre, convencemo-nos facilmente que Antonio Lamas nasceu mais violetista que violinista. Já alguém o disse n'estas mesmas



columnas com os seguintes termos: — Para traçar o perfil d'este sympathico vulto de anador-artista, tão justamente querido em todos os nossos centros d'arte, quasi seria preciso esboçar a monographia do doce e suggestivo instrumento que elle tão amorosamente cultiva — a violeta. Por arrojada que pareça esta confrontação do mu-

sico com o instrumento por elle executado, é certo que ha no caso presente curiosas affinidades entre um e outro — a mesma tinta suave no character, a despretenção com que um e outro se esquivam a evidencias vistosas, a sisudez, a ductilidade, a nobreza levemente melancholica, que são outras tantas características do feitiço moral e artistico do tocador e constituem egualmente a feição dominante do seu dilecto instrumento.»

Antonio Lamas tinha de ser portanto um tocador de violeta. Alguem lh'o fez notar, significando-lhe ao mesmo tempo que, bom violinista como era, lhe não seria difficil adquirir uma excellenté technica na violeta, preenchendo assim uma lacuna que muito se fazia sentir no nosso paiz, onde eram e continuam a ser raros os bons violetistas de quarteto. Não hesitou o estudioso amador, tanto mais que, na criação da *Sociedade de Musica de Camara* (1899), se notava a falta de um especialista, que de corpo e alma se votasse a esse instrumento.

A partir d'então, Antonio Lamas trabalha sem descanso, adequando em poucos annos as suas primorosas qualidades de tocador á nova technica e conseguindo verdadeiros triumphos não só na *Sociedade de Musica de Camara* mas em outros grupos similares onde collaborou com algumas summidades da arte, entre ellas Rey Colaço, Arbós e Rubio.

Enthusiasta da musica antiga, movido por uma sadia curiosidade pela arte dos seculos XVII e XVIII, cujos segredos conscienciosamente procurou desvendar, não tardou que quizesse cultivar um dos instrumentos característicos d'essa epoca — a viola d'amôr. N'este poetico instrumento d'arco, que a caprichosa moda banniu por completo da arte moderna, Antonio Lamas teve muitas occasiões de se fazer applaudir, quer como solista, quer na musica de conjuncto. Estão ainda na memoria de muitos as deliciosas audições historicas que, com instrumentos antigos, se realisaram em 1906 no Salão do Conservatorio. Foi elle um dos seus principaes promotores, collaborando tambem nos concertos ao lado de Louis Van Waefelghem, Georges Papin, Hernani Braga e, para o canto, D. Bertha Daupias.

Muitas vezes se apresentou depois d'isso, em concertos particulares e publicos, como solista de viola d'amôr; muitas vezes o admiramos na famosa *Sonata* de Ariosti ou em alguns d'esses trechos pequenos, alguns de sua propria composição, em que tão distinctamente fazia valer a discreta e

poetica sonoridade da velha viola. Hoje morreu o tocador e morreu tambem, entre nós, o instrumento, visto que elle era o unico portuguez que praticamente o conhecia.

Especializando-se na musica dos seculos idos, colleccionando mesmo alguns preciosos especimens instrumentaes do passado, Antonio Lamas era naturalmente lembrado sempre que se pretendia organizar uma festa de character historico-musical. N'essas, entre nós, raras solemnidades de pura e requintada arte, elle tinha indicado o seu logar de consciencioso organisador, dando brilhantes provas d'essa faculdade em festas memoraveis, como as que foram promovidas em tempo pelos srs. José Lino Junior, dr. Alfredo da Cunha, dr. Lopes Vieira, etc.

Referimo-nos ha pouco á colleção instrumental de Antonio Lamas. Ella é effectivamente bastante curiosa, e mesmo notavel no tocante aos cravos portuguezes, entre os quaes se distinguem algumas peças extremamente interessantes e raras. Antonio Lamas que consagrava á sua colleção um bem justificado amôr, dedicava longas horas á sua conservação e bom acondicionamento.

Terminando estas breves notas, diremos ainda que o nosso illustre amador havia sido nomeado ha pouco mais de um mez para a cadeira que ficou vaga no Conselho d'Arte Musical pelo fallecimento de Ernesto Vieira. D'esse logar se desempenhou, durante esse curto periodo, com aquella devoção, seriedade e desinteresse que punha em todos os seus trabalhos d'arte.

Deixando-nos para sempre, Antonio Lamas, deixa no coração de todos os que de perto o conheceram uma marca indelevel de saudade e de desgosto.

LAMBERTINI.



Conservatorios

(Continuado do numero anterior)

E' preciso não esquecer que as obras primas da musica, como as da litteratura dramatica, não existem no papel senão no estado latente; para que a *9.^a Symphonia* de Beethoven ou o *Edipo* de Sophocles possam viver vida real, devem ser novamente engendradas pela acção do virtuose instrumentista, cantor ou tragico. Uma das gran-

des figuras artisticas do nosso tempo, Riccardo Wagner, em uma memoria relativa á creação de um conservatorio em Munich, determina nos seguintes termos o programma da projectada escola:— «Segundo a propria significação do termo, um conservatorio deve destinar-se a *conservar* o estylo classico d'um periodo florescente da arte, cultivando e transmittindo fielmente a maneira d'executar as obras modelares, que n'esse cyclo se produziram.»

Exaggera-se sem duvida o grande musico excluindo do seu programma, não só a sciencia musical propriamente dita, mas tambem a harmonia, o contraponto e a instrumentação. E afinal estes dois ultimos ramos da disciplina musical são evidentemente do dominio da *technica*, não da *technica* do executante, mas da *technica* do compositor.

A arte da composição constitue portanto a segunda parte do ensino. A faculdade creadora é um dom gratuito da natureza; nenhum ensino a poderia supprir. Mas os conhecimentos necessarios para a fecundar só se adquirem com as lições do mestre, e esses conhecimentos são mesmo indispensaveis para o musico que, destituído da faculdade creadora, queira comtudo attingir uma real comprehensão das grandes obras e aprecial-as de uma maneira consciente.

O primeiro grau da arte de compôr é a harmonia, disciplina meio theorica, meio pratica, que ensina as regras da polyphonia e serve de introdução aos estudos superiores; deve ser precedida de uma theoria scientifica da musica. E' o equivalente ao que é, em litteratura, a *grammatica*, cujo conhecimento é tão indispensavel ao prosador cu ao poeta como a todo o homem desejoso de adquirir uma qualquer instrução.

Consiste o segundo grau na pratica da polyphonia, sob a sua fôrma mais severa, o contraponto; o discipulo adquire os processos geraes da escripta, inicia-se nos principios elementares do gosto e do estylo. Para continuar a comparação, diremos que é a *syntaxe* do musico, a arte da redacção.

Ensina o terceiro grau as leis da estrutura harmonica e rythmica, o papel e a relação dos motivos e themas de que se compõe uma obra. E' a *rethorica* musical.

Finalmente, completa-se a educação professional do compositor com dois estudos auxiliares: um, indispensavel para a musica vocal, é a prosodia, applicação da linguagem ao rythmo musical; outro, a ins-

trumentação, é o emprego dos orgãos sonoros de que o compositor tem de servir-se.

E' ahí que termina o ensino tecnico, no mais largo sentido da palavra. Hoje julga-se todavia que a instrucção do joven musico se deve completar com a aquisição de noções serias de historia e esthetica musicas.

Nas epocas de ingenua producção, essas materias são tão extranhas á educação escolar como ás preocupações dos artistas; só apparecem nas epocas de reflexão, em que a sciencia e a erudição fazem sentir a sua influencia na arte. De facto, o conhecimento da historia da musica é hoje indispensavel ao executante, visto que as producções dos tres ultimos seculos fazem parte do seu habitual repertorio. E' preciso comtudo que um tal ensino seja ministrado aos alumnos dos conservatorios, não sob uma forma dogmatica, por meio de lições e conferencias, mas, segundo o principio fundamental da pedagogia artistica, sob uma forma activa e pratica; por outros termos, é mister que seja acompanhado de audições, para que a hisroria musical se não aliene do conhecimento, real e vivo, dos seus monumentos. Para que servirá por exemplo, descrever ao alumno as origens da opera moderna, se ao mesmo tempo se não fizerem ouvir as producções caracteristicas dos mestres italianos do seculo XVII, que foram os creadores do genero? Um tal methodo, bom talvez para os eruditos e para os intellectuaes, não serve senão para inspirar a estudantes uma presumpção van, fazendo-lhes crêr que sabem alguma cousa de util, quando em realidade só ficam conhecendo uma serie de nomes, de datas e de pormenores biographicos, de limitado alcance educativo.

O que acabamos de dizer da historia ainda é mais verdadeiro para a esthetica: n'esta, o abstracto nunca pode tomar o logar do concreto. E' perigoso acóstumar o espirito dos novos á ideia falsa de que os principios da ereação artistica são susceptiveis de uma demonstração logica e podem ser synthetisados em theorias de escola. As formas da arte sonora furtam-se a quem procure cingil-as ás formulas da linguagem, são impalpaveis por sua natureza; se uma melodia attingisse a clareza da palavra, a alma humana não teria mysterios.

O artista que melhor comprehensão tem da esthetica é o que cria o Bello, ou sabe revelal-o na obra dos mestres, e não o que pretende explicar o sentido d'essa obra por meio de uma ôca formula. Assim, é sem a menor reserva que nos podemos as-

sociar ás palavras de Ricardo Wagner, no artigo ou memoria que já anteriormente citamos:—«A verdadeira esthetica e a verdadeira historia aprendem-se do melhor modo pela boa e correcta execucao das obras classicas, pelas audições cujos elementos sejam escolhidos no thesouro da litteratura musical de todos os tempos e de todos os paizes. E' esse o ponto culminante do ensino da musica».

Implica esta conclusao um outro preceito pedagogico, de justesa não menos evidente. E vem a ser que uma instituicao publica de ensino musical nunca deve preconisar quaesquer tendencias exclusivas, mas sim favorecer o livre desenvolvimento das faculdades creadoras, ou reproductoras, do discipulo. Impôr seja que especie fôr de orthodoxia artistica é fechar as portas a todo o progresso, e a pretensao de revelar uma verdade absoluta implica a suppressao de toda a espontaneidade do espirito. Só as artes hieraticas conheceram um canone d'este genero e sabe-se bem qual tem sido o seu invariavel destino. De resto, essa ficticia unidade só se obtem supprimindo toda a iniciativa do professor e reduzindo-o á funcção de machina, condicao funesta para o alto ensino e que implica, como consequencia, a necessidade de recrutar o corpo docente entre os talentos de segunda ordem. Dizia Gevaert, e crêmos ser essa a boa doutrina, que a tendencia d'um conservatorio deve ser progressista em materia de sciencia e conservadora em materia d'arte. Procurando evitar aquelle espirito de negativa systematica a que são geralmente propensos os corpos docentes, um estabelecimento d'essa natureza deve observar, perante as tentativas de innovação, uma certa reserva, mas uma reserva sympathica quando ellas offerçam um character de seriedade. Não ha razao alguma para que elle tome publicamente um partido em opinioes controversas, porque, destinado a durar, corre-lhe o dever de não comprometter o seu prestigio e a sua auctoridade condemnando-se de antemão a inevitaveis reacções e arrogando-se um monopolio d'infalibilidade que o futuro talvez se recusasse a sancionar. A direcção geral a imprimir aos estudos musicas resume-se nos seguintes pontos: alimentar moderadamente o espirito e a memoria do alumno; provocar e manter no joven artista a actividade—diremos até a inquietação—do sentimento; inculcar-lhe, em vez de aphorismos scientificos, verdades praticas e principalmente esta—que nada aproveitará ao artista nem lhe dará um sello de verdadeira in-

dividualidade senão o que elle tenha conquistado pelo proprio esforço, o que tenha reconhecido, sentido e vivido elle proprio, e finalmente que não ha processo algum de escola que possa supprir o labor obstinado e paciente e a investigação sempre insaciada.

(Continúa.)



Curiosidades musicas

(2.^a SERIE)

IV

D. João dos Martires, tangedor de tecla, D. Dionisio de Moraes, tangedor de harpa e cantor, D. Heliodoro de Paiva, cantor, tangedor e compositor, freires do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra e Heitor Lobo, organeiro.

Ainda nos favorecerá com algumas noticias o celebre mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Não só as artes alli floresciam e produziam obras primas, mas professavam nelle individuos de nomeada.

Um neto de João de Ruão tomou alli a cogula monastica, e a mesma vereda seguiu um filho de Fernão Lopes de Castanheda, para não citar senão duas individualidades assaz conhecidas.

Vamos extrair dos livros respectivos outras notas interessantes.

Seja a primeira a relativa a D. João Leite ou D. João dos Martires que, apesar de artista consumado, merecendo, como não podia deixar de ser, as graças dos seus freires, fugio do mosteiro para seguir vida aventurosa e erradia. Vejamos o que d'elle se diz, que faremos seguir dalgumas observações:

«Em os tres dias do mes de junho de 1791 annos lançarao o habito a frei Joam Leite, filho legitimo de Diogo Leite dAzevedo natural da cidade do Porto e de Domna Illena de Castro sua legitima mulher, ao qual foram perguntados etc. E para lembrança se fez este assento em que elle assinou e o padre geral e consiliarios. Dom Constantino escrivão do convento o fez em o sobredito dia mes e anno ut supra

D. Acursio
D. Cristouão

D. Raphael de Goyos
frei João leite
D. Clemente

fez profissão e não mudou o nome. Abijt.

(Nota á margem) D. João Leite, pregador, foi o melhor tangedor de tecla que ouue em Portugal, na Espanha, em Roma, fugio da ordem depois de consumado na tecla, e em todas as Sees d'Espanha e doutros reinos por onde andou lhe fazião grandes partidos e nenhum quis aceitar; uenceu a todos os tangedores, e a Hercules que áquelle tempo era tangedor do Papa; chamouse D. João dos Martires.

*Torre do Tombo, Livro 1.º dos Ass.
de Santa Cruz fl. 60 vº*

Ora os rapidos traços biographicos deste frade bohemio, que poderão ser um tanto exagerados, merecem algumas observações. Não o seguiremos pela *Espanha e outros reinos onde lhe faziam grandes partidos*, por que nos faltam os elementos para comprovar ou contraditar as asserções do curioso e diligente ementador.

O mais importante da ementa é o que se refere a Hercules, o tangedor do Papa.

Recorrendo ao valioso auxilio do Ex.^{mo} Sr. Lambertini podemos obter os seguintes esclarecimentos.

Diz-nos este nosso amigo que o musico italiano citado não deve ser outro senão Ercole Bottrigari, que nasceu em Bolonha em agosto de 1531 e morreu no seu proprio castello em 1612.

Era homem de teres, oriundo de uma familia rica, que lhe deu uma excellente educação. E' principalmente conhecido pelos seus livros sobre teoria musical, taes são: *Il Patrizio, ovvero de tetracordi armonici di Aristosseno* (1593); *Il Desiderio overo de concerti di varii strumenti musicali, dialogo* (1594); *Il Melone, discorso armonico* (1602).

A singularidade estravagante que encerram os titulos das referidas obras, é que aquelle *Patrizio*, aquelle *Desiderio* e aquelle *Melone* eram os nomes dos amigos do autor, a quem elle dedicava as obras!

Creancices quinhentistas! acrescenta o snr. Lambertini; mas creancices depois dos sessenta annos.

Será pois este teorico Hercules o tangedor que fr. João dos Martires venceu? Não podemos afirmar nem negar.

Fica-se na duvida e nem por isso cairá a casa dos bicos.

Outro notavel musico com que continuaremos estas noticias relativas ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra é D. frei Dionisio de Moraes.

Era natural da referida cidade de Coimbra e teve por progenitores Simão de Moraes e Violante d'Azambuja, pessoas qualificadas na respectiva cidade.

Em 1542 a 3 de maio se celebrou capitulo, presidido por frei Bras de Barros, primo coirmão do nosso grande historiador João de Barros, em conformidade de um Breve do papa Paulo 3, saindo eleito D. frei Dionisio de Moraes, prior geral, sendo o segundo depois da reformação feita por aquelle eclesiastico, tendo sido o primeiro D. frei Bento de Camões, tio do nosso imortal Luiz de Camões.

Era D. frei Dionisio já muito considerado na ordem, e sem nos ocuparmos de certos pormenores que nada interessam, ouçamos o padre Nicolau de Santa Maria no tocante ás qualidades que distinguiam o novo prior geral. A pag. 293 da 2.^a parte da *Chronica da Ordem dos Conegos regrantes do Patriarca Santo Agostinho*, diz elle o seguinte:

«Foi o nosso Prior geral D. Dionisio de Moraes muito estimado dos Principes e senhores do seu tempo por sua condição affavel e branda, e por sua grande cortezia e por suas grandes partes; porque alem de ser bom letrado e Pregador, era excelente musico, e tangia harpa com grande destreza, e cantava a ella com muito ar e graça, porque tinha uma voz de contralto mui clara e com grande quebro de garganta natural; com ser dotado de tantas partes era tam humilde que ainda depois de ser Prior geral e cancellario da Universidade, se não escusou nunca de tanger harpa no coro, e cantar a ella nas festas principaes, imitando a David que na maior dignidade de Rey, se prezava de tanger e dançar deante da Arca do Senhor.

Faleceo cheo de annos e merecimentos em 8 de agosto de 1582.

Não menos digno de ser lembrado e consignado nestes apontamentos é o padre D. Heliodoro de Paiva, conego do mesmo mosteiro.

Era este padre colação de D. João III, sendo filho da sua segunda ama Felipa d'Abreu e do seu marido Bartholomeu de Paiva, que foi guarda-roupa daquele monarca, e vedor das obras, assinando sempre — o *amo*.

Mandando-o seus paes estudar sciencias e letras no collegio instituido naquele mosteiro, ou porque se afeiçoasse a esse instituto, ou porque os conegos d'elle, reconhecendo-lhe talento, procurassem captar-lhe a inclinação e vontade, decidiu-se a tomar o habito da ordem, estudando com tão decidido empenho, que sahio consumado nos idiômas latino, grego e hebraico. Como prova dos seus conhecimentos compoz um *Vocabulario grego e hebraico*, que dedicou ao seu real colação, e se imprimiu, se não ha erro na data, no dito mosteiro no anno de 1532, quando o frade teria trinta annos.

Deixaremos de parte as diligencias que D. João III empregou para o levar para Lisboa, de que elle sensatamente se escuzou, e que Nicolau de Santa Maria pormenor refere, e ouçamos o que este nos diz das suas multiplices aptidões a pag. 326 da citada *Chronica*:

«Foi mui agudo filosofo e mui consumado theologo, e de suas letras se aproveitava muito Lipo-mano nuncio neste reino etc.

«Foi tambem grande escrivão de todas as letras, illuminava e pintava excellentemente. Era cantor e musico mui destro e contrapontista; compoz muitas missas e Magnificas de canto dorgão, e motetes mui suaves; tangia orgão e craviorgão com notavel ar e graça; tangia viola darco e tocava harpa e cantava a ella com tanta suavidade que enlevava os ouvintes etc.

Faleceu, antes do seu real colação perto de dois annos, a 20 de dezembro de 1555, contando cincoenta e tres annos.

Ainda daremos uma pequena noticia que respigamos na referida *Chronica*, e não deixa de ser interessante. Diz frei Nicolau de Santa Maria a pag. 329 da citada parte da *Chronica*:

«Tambem no mesmo anno mandou o padre Prior geral concertar o orgão grande por Heitor Lobo famoso organista, que lhe accrescentou registos, e o fez como de novo, e fez o orgão pequeno e

tambem o Realeijo com doçainas e charamellas, que se levava antigamente nas procissões pela clausura».

O anno a que esta noticia se refere é o de 1558, em que era Prior geral D. Basilio da Silva, cuja administração parece ter sido muito notavel.

Não julgamos exgotadas as memorias musicas relativas ao famoso *Mosteiro de Santa Cruz* de Coimbra, mas são estas as que podêmos esmerilhar. Quem dá o que tem...

BRITO REBELLO.



Se não primou esta cálida quinzena por um accentuado movimento de concertos, o que, dado o adiantado da epoca não é caso para extranheza, certo é que bastaria a excellente audição de harpa, promovida a 15 por Mad. Martinez Vieira, para satisfazer os mais exigentes, que são habitualmente os mais inclinados a preferir a quantidade a... qualidade.

Correu optimamente esse concerto e o publico não fez senão confirmar com calorosos, interminaveis applausos, as impressões que, em numero anterior, aqui esboçamos.

Ficou largamente consagrado o grande merecimento artistico da illustre solista, e estamos convencidos que lhe terá sido bem grato esse novo triumpho.

Mad. Vieira, a instantes pedidos do publico, ainda tocou alguns numeros além dos que estavam annunciados.



Noticiario

Por habitual cortezia da *Sociedad Filarmonica de Madrid* recebemos os magnificos programmas commentados dos 17 concertos que a prestãnte associação realisou na epoca transacta, desde dezembro de 1914 até fim de maio do anno corrente.

A *Sociedad Filarmonica*, que já com-

pletou 14 annos de existencia, tem procurado apresentar, nos 244 concertos até hoje effectuados, os mais celebres artistas de todo o mundo, creando assim uma constante fonte de exemplo e de estímulo, que muito tem contribuido para o desenvolvimento artistico da capital hespanhola.

Apesar das difficuldades materiaes, creadas naturalmente pela conflagração europea, para a facil realisação d'este genero de contractos, poude ainda assim a associação madrilena reunir n'esta epoca os seguintes artistas, alguns dos quaes de nome mundial: a cantora Marie Freund; os pianistas Maurice Dumesnil, Ernesto Consolo, Theo Ysaye e Teresa Carreño; os violinistas Eurico Polo e Eugène Ysaye; o quarteto de piano Henkel.

Este quarteto composto de optimos artistas inglezes, apresentava-se pela primeira vez em Madrid e teve occasião de fazer ali ouvir varias obras notaveis, pouco ou nada conhecidas na capital visinha, como os *Quartetos* de Dvorak, Taneieff, Hurlstone, Chausson, Ricardo Strauss e Jongen, todos elles para piano, violino, violeta e violoncello.

Nos restantes programmas, em que figuraram os solistas já citados, vemos tambem muitas obras de summo interesse, como os fragmentos vocaes da *Ariadna* de Monteverde, os oito *lieder* de *Frauenliebe und Leben* de Schumann, os *lieder* de Moussorgsky, *Die schöne Müllerin* de Schubert, o 22.º *Concerto* de Viotti para violino, muitas peças de piano do grande repertorio, entre as quaes se podem citar ao acaso os *Estudos symphonicos* de Schumann, a *Sonata* de Chopin, as *Variações e Fuga* de Brahms sobre um thema de Haendel, as *Sonatas* de piano e violino de Ricardo Strauss, Brahms, Lazzari, Lekeu, emfim um sem-numero de obras primas que se tornaria muito longo enumerar.

Felicitemos pois a importante Sociedade de concertos e agradecemos-lhe a attenção que lhe mereceu a nossa revista.

* * *

O distincto trompista, sr. José Cordeiro, foi promovido a chefe de musica e partiu, n'essa qualidade, para o Funchal.

* * *

Recebemos a visita de dois novos jornaes, *A Semeadora* e *O Torneio*, cuja leitura nos é em extremo agradável recomendar.

O primeiro, orgão da *Associação de Propaganda Feminista*, orientado pelo espirito verdadeiramente superior de D. Anna de Castro Osorio, uma das mais estenuas e talentosas defensoras do feminismo portuguez, destina-se a pugnar pelos direitos sociaes da mulher e crear o ambiente favoravel á sua reivindicação. Não podia estar em melhores mãos um tão alto problema.

Quanto ao segundo, *O Torneio*, que já publicou 24 numeros, é de feição exclusivamente litteraria e muito bem cuidado, tanto na collaboração como na edição. O seu subtítulo, *jornal dos novos*, define bem as suas tendencias e dá-lhe direito a todas as sympathias. Tem a sua redacção no Porto e é dirigido pelo sr. Corrêa de Faria.

* * *

Continuamos do numero anterior a lista dos alumnos do Conservatorio, tanto internos como externos, que concluíram este anno os seus respectivos cursos.

Piano

5.º ANNO DO CURSO GERAL

| | Valores |
|--|---------|
| Adelaide Coelho de Queiroz | 10 |
| Adriana Madeira Gonçalves | 11 |
| Albertina Paula Santos | 14 |
| Alda A. da Silva Felipe | 14 |
| Alice Julia B. Pereira | 10 |
| Alice M. M. d'Azevedo | 14 |
| Alice dos Prazeres L. Monteiro | 14 |
| Anna E. Felix de Móra | 15 |
| Aurora da Conceição Tavares | 10 |
| Aurora Cremilda Cardoso | 14 |
| Beatriz Eugenia Heitor | 14 |
| Daria Gomes | 14 |
| Donatila B. de Medeiros | 10 |
| Elisa Magalhães Carrelhas | 14 |
| Elvira Bragança Soares | 16 |
| Elvira Pereira Cardoso | 10 |
| Esther J. dos Reis Rabi!has | 12 |
| Eugenia Branco Cabral | 12 |
| Eurico de Santos Figueiredo | 16 |
| Florestina Lamas | 11 |
| Helena Bello Monteiro | 10 |
| Ilda da Conceição Praxedes | 14 |
| Ilda de Sousa Jorge | 14 |
| Irene Alice da Fonte | 10 |
| Irene Henriqueta Costa | 11 |
| Irene dos Prazeres Migueis | 15 |
| Judith M. da Luz Bastos | 12 |
| Lydia A. Ramos Dias | 16 |
| Maria Amalia D. Almeida | 14 |
| Maria Augusta L. Bordallo | 12 |

| | Valores | | Valores |
|-----------------------------------|---------|------------------------------------|---------|
| Maria Beatriz Soares | 14 | Amalia Nunes Corrêa..... | 14 |
| Maria da Conceição Pilar..... | 11 | Anna M. da P. Costa..... | 16 |
| Maria da Conceição de Sousa..... | 17 | Arthur Fernandes Fão..... | 16 |
| Maria Emilia Ferreira..... | 16 | Elvira H. R. Machado..... | 16 |
| Maria Georgina G. de Sousa..... | 15 | Emma Cardoso Campos..... | 16 |
| Maria Joanna Lopes..... | 10 | Etelvina C. M. Carvalho..... | 14 |
| Maria José R. da C. Branco..... | 14 | Henriqueta U. de Sousa..... | 15 |
| Maria Leonor P. Barreto..... | 10 | Irene Gomes Teixeira..... | 15 |
| Maria de Lourdes Miranda..... | 12 | Isaura Martins..... | 13 |
| Maria Luiza V. Garin..... | 18 | José Gonçalves Simões..... | 14 |
| Maria Magna de Carvalho..... | 14 | Maria Alice M. Marques..... | 15 |
| Maria da Nazareth N. Pereira..... | 12 | Maria Celina Ferreira..... | 11 |
| Maria Theotonia da C. Gomes..... | 14 | Maria H. G. da Costa..... | 16 |
| Marianna Caryadho Monteiro..... | 16 | Maria de Jesus D. de Figueiredo... | 10 |
| Marianna da Conceição N. Nogueira | 16 | Maria de Lemos P. Beato..... | 18 |
| Mavildia A. da C. Andrade..... | 17 | Maria R. de J. Christovam..... | 16 |
| Palmira da Conceição Ruivo..... | 12 | Sarah da Conceição Affonso..... | 16 |
| Palmira Ruivo de Carvalho..... | 14 | Susanna Rodrigues..... | 16 |
| Salvadora Mósca e Rosa..... | 10 | | |

Violino

6.º ANNO DO CURSO GERAL

| | |
|---------------------------------|----|
| Americo Vital Taveira..... | 16 |
| Antonio F. R. Cabral..... | 19 |
| Armando Gomes..... | 18 |
| Arthur Fernandes Fão..... | 19 |
| Gilberto Simões Bonejo..... | 16 |
| João N. da S. Almeida..... | 11 |
| José A. E. de Barros..... | 12 |
| Manuel F. P. Alves..... | 12 |
| Maria Adelaide Fernandes..... | 17 |
| Maria Antonia Bureau..... | 18 |
| Paulo Santos Manso..... | 19 |
| Raul Ribeiro da Costa..... | 18 |
| Sarah da Conceição Affonso..... | 18 |

2.º ANNO DO CURSO SUPERIOR

| | |
|-----------------------------|----|
| Accacio P. R. de Faria..... | 20 |
| Ce ar Leiria..... | 18 |
| Emilia Leiria..... | 15 |
| Helena Pires Fernandes..... | 16 |

Violoncello

6.º ANNO DO CURSO GERAL

| | |
|--------------------------------|----|
| Julio da Conceição Almada..... | 16 |
| Magdalena A. André..... | 11 |

Harmonia

3.º ANNO

| | |
|------------------------------------|----|
| Abilio da Conceição Meyrelles..... | 14 |
| Alberto João Fernandes..... | 18 |
| Alda Ramos Guerreiro..... | 14 |
| Alzira da Conceição S. Corrêa..... | 11 |

Estes são os exames finais, que se effectuaram até 19 d'este mez; os seguintes, a partir d'essa data, serão registrados no proximo numero.

* * *

Por se encontrar bastante doente, não pode concluir este anno o seu curso de piano, a talentosa amadora, sr.^a D. Orisa da Silveira.

Fazemos sinceros votos pelas melhoras da distincta pianista.



A' Ex.^{ma} Snr.^a D. Georgina da Cunha Lamas, viuva do nosso querido amigo Antonio Lamas, e a seus filhos, endereçamos a expressão do nosso bem sentido pezame por tão grande perda, que a é também para nós todos e para a Arte que elle cultivou com tanto amôr e proficiencia.

* * *

Registramos com magua os seguintes fallecimentos:

Francisco José de Araujo, conhecido professor de musica, que falleceu com 78 annos e era pae de José Eloy de Araujo, também artista musico; Juan Casaux, violoncellista muito distincto e muito apreciado entre nós, que morreu doido em um manicomio de Madrid; Ricardo Sonzogno, importante editor milanez, fallecido repentinamente em Montecatini (Italia).